

ÍNDIOS XUKURU DO ORORUBÁ: MIGRAÇÕES, TRABALHO E FRONTEIRAS ENTRE O CAMPO E A CIDADE

Edson Silva
Edmundo Monte
(Universidade Federal de Pernambuco)

Resumo: A partir das memórias orais dos Xukuru do Ororubá (Pesqueira e Poção/PE), analisamos as migrações de indivíduos desse povo indígena, na segunda metade do Século XX. As migrações foram recordadas nos processos históricos de disputas em torno das terras invadidas pelos plantios de tomates e frutas da Fábrica Peixe e fazendeiros criadores de gado. Muitas famílias Xukuru migraram para as periferias do município, a exemplo das que constituíram o Bairro “Xucurus”, na área urbana de Pesqueira, e passaram de agricultores a operários nas indústrias na cidade. Outros Xukuru, seguindo as trajetórias de parentes e amigos, enxergaram nos grandes centros urbanos mudanças e melhorias nas condições de vida. A Grande São Paulo foi o destino de alguns desses migrantes, onde fixaram moradia. Em ambos os espaços para onde migraram, observamos diferentes momentos, os percursos das viagens, as relações sociais no cotidiano, as experiências de trabalho em contextos situados nas fronteiras entre o campo e a cidade.

Palavras-chave: índios Xukuru; migrações; campo/cidade.

Abstract: From the oral memories of the Xukuru Ororubá (Pesqueira and Poção /PE), we analyzed the migration of individuals of indigenous people in the latter half of the twentieth century. The migrations were recalled historical processes of disputes over land encroached by plantations of tomatoes and fruits Factory Fish farmers and ranchers. Many families Xukuru migrated to the outskirts of the city, such as those that formed the neighborhood "Xucurus" in urban Pesqueira, farming and spent the workers in the industries in the city. Other Xukuru following the trajectories of relatives and friends, in major urban centers saw changes and improvements in living conditions. The Greater São Paulo was the fate of some of these migrants, where fixed abode. In both spaces where migrated, we observed different times, routes of travel, social relationships in everyday work experiences in situated on the borders between country and city.

Keywords: Xukuru; migration; country/city

A “cidade das chaminés” e o lugar dos Xukuru

O núcleo urbano que mais tarde seria a cidade de Pesqueira/PE tornou-se importante por estar localizado às margens da estrada, caminho de gentes e das boiadas que trafegavam entre o litoral e o Sertão do São Francisco. A pequena povoação no sopé da Serra do Ororubá superaria a Vila de Cimbres, fundada em fins do Século XVIII, em terras de um antigo aldeamento de índios Xukuru, no distante alto da mesma Serra. Em 1836, por lei provincial, a sede político-administrativa municipal foi transferida para Pesqueira, elevada à categoria de cidade em 1880, relegando Cimbres à categoria de distrito.

Um estudo realizado em 1956, pelo geógrafo Hilton Sette, traçou um panorama de Pesqueira, como cidade industrial:

Os enormes boeiros fumegantes e os casarões que abrigavam as instalações fabris, o movimento intenso de caminhões nas ruas estreitas da cidade, a grande porcentagem de casas operárias agrupadas em ‘vilas’ ou formando ruas inteiras de bairros periféricos e a sensível concentração urbana comparada com a rural, falam da importância industrial de Pesqueira (SETTE, 1956, p.4).

A cidade cresceu, impulsionada pelo comércio, beneficiado pela sua localização estratégica. As transações envolviam mercadorias do Sertão, de vários lugares vizinhos no Agreste, de municípios da Paraíba e até de Alagoas. Compras e vendas de algodão, mamona, couros, peles de cabra e produtos agrícolas da Serra do Ororubá, em um intercâmbio constante com o litoral, tendo como destino mais preciso o Recife. O anuário comercial de 1902/3, publicado no Recife, registrava 23 casas comerciais em Pesqueira, que vendiam secos e molhados em grosso e a varejo (SETTE, 1956, p.53).

Com a estrada de ferro que chegou até o município em 1907, a cidade consolidava-se como entreposto comercial e ocorreu também um grande impulso no crescimento urbano. O transporte rápido e barato possibilitou a produção artesanal da fábrica de doces “Peixe”, fundada pela família Brito, em 1902, ampliar seus produtos para novos mercados. Permitiu com isso a adoção de inovações tecnológicas, como a substituição dos tachos aquecidos à lenha pelos a vapor e o surgimento de outra indústria doceira, a fábrica “Rosa”, de propriedade da família Didier.

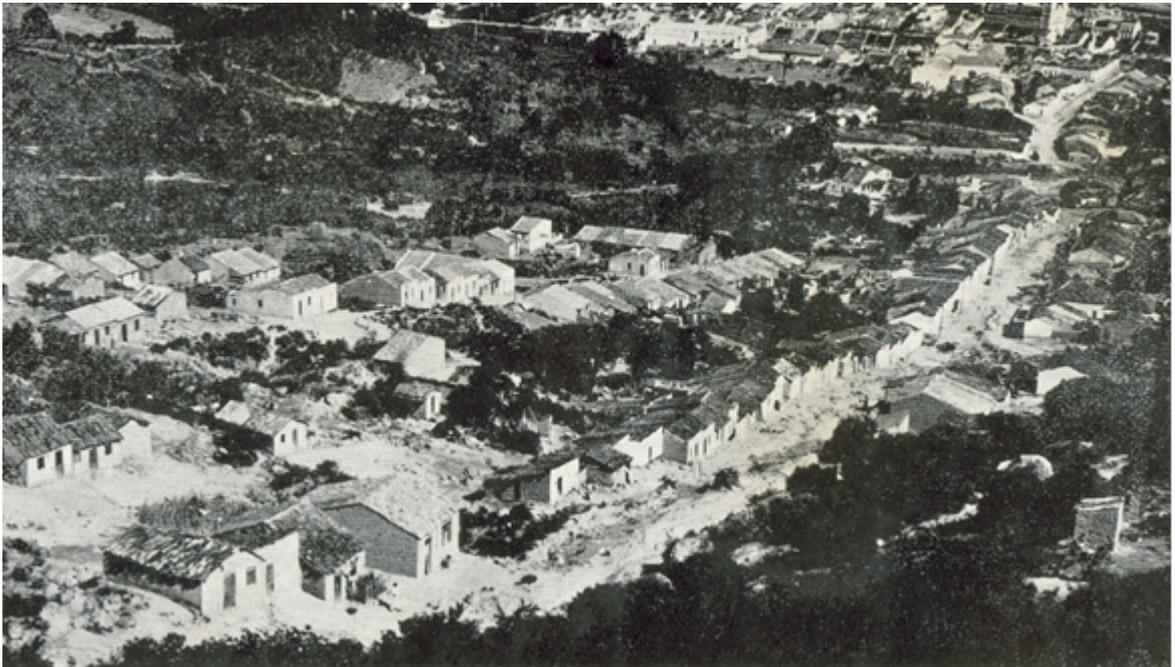
As frutas destinadas à indústria de doces provinham principalmente das terras férteis da Serra do Ororubá. Multiplicou-se por toda a Serra os plantios de goiabas e bananas. As fazendas de gado estimularam o surgimento de fábricas de laticínios. Por volta de 1914, foi iniciado o beneficiamento do tomate, pela fábrica “Peixe”, necessitando de áreas para o plantio do produto. Ampliava-se o parque industrial, com a instalação de mais unidades da “Peixe” e novas fábricas, como a Tigre, Paulo de Brito, Peixinho, Recreio (SETTE, 1956, p.64-65). Com o capital acumulado, o grupo Carlos de Brito, proprietário da “Peixe”, investiu em usinas de açúcar fora da região, comprando em 1939, a Usina Central Barreiros e, na década de 1940, a Usina Santana; ainda na mesma década ampliou suas indústrias localizadas no Sul do país (CAVALCANTI, 1979, p.62).

O crescimento industrial favoreceu as instalações de novas firmas comerciais, bancos, prédios públicos, colégios, a abertura de novas ruas, avenidas, praças e ainda o fornecimento da energia elétrica à cidade. A concentração de renda se expressava no casario de famílias abastadas. Como também ocorria o surgimento de aglomerações na periferia urbana, formadas, em sua maioria, pelas habitações do operariado.

Dentre estes, muitos eram índios da Serra do Ororubá, que se concentravam no Bairro “Mandioca”, assim descrito por um pesquisador,

Acomodando-se a um desvão oferecido pela escarpa inferior da Ororubá, o bairro Mandioca, tendo a sua localização determinada pela proximidade da água e do centro urbano, atravessa com suas ruas mal cuidadas e suas casas de gente muito pobre o vale do Baixa Grande, começa a subir, do outro lado, a contra-encosta e um de seus arruados de casebres, quase trepados uns sobre outros (SETTE, 1956, p. 76-77).

Eram moradias muito pobres, como se percebe na fotografia acima, comparadas pelo pesquisador às “favelas” das grandes cidades. Atualmente, o local é chamado “Bairro Xucurus”, onde reside a maioria das famílias indígenas na área urbana de Pesqueira. Em conversas informais, moradores locais mais velhos afirmam que muitas dessas famílias foram expulsas de seus sítios na Serra, por fazendeiros invasores.



Rua da Mandioca, área urbana de Pesqueira, 1956 (In: SETTE, 1956, p.68).

Local de moradia de muitas famílias xucurus e trabalhadores indígenas em fábricas como a “Peixe”, vindos da Serra do Ororubá

O Pajé Xukuru, “Seu” Zequinha, comentou a razão e as dificuldades dos que tinham vindo morar naquele local. Por volta de 1945, uma família da Serra, não encontrando emprego na cidade, se dedicou ao fabrico de balaios para sobreviver:

Precisava ter terra. Muitos não tinham, ai vinham trabalhar na rua atrás de um empreguinho, chegando nas fábricas, na Prefeitura ai. Muita gente trabalha ai na Prefeitura. Que é de lá tá na Prefeitura. Eu tenho Mané

Caiçara. Conhece Mané Caiçara? O pai dele saiu de lá, veio aqui pra rua, parece que em quarenta e quarenta e cinco, assim nessa base. Aí ele veio morar ali com a família todinha. Ele atrás de um emprego, não arrumou emprego. O cabra chegou ai e foi, disseram que iam dar emprego a ele e não deu. O que ele foi fazer ficou lá veio de cá, que ele não tinha onde morar, que ele morava lá na terra do fogo. Ai veio praí, o que é que veio se valer? Foi desses matos aí, dessas matas, tá pegando cipó pra fazer balaio, pra fazer caçuá, fazer isso tudo pra viver, tá vendo! (Pedro Rodrigues Bispo, “Seu” Zequinha, Bairro Portal, Pesqueira).

A família “Caiçara”, ou “os Caiçara”, ficaram muito conhecidos pela sua arte de fazer balaio, cestos e caçuás para transportar mercadorias em cavalos: tornaram-se uma referência no ramo, na cidade de Pesqueira. Como eles, o número de moradores multiplicou-se naquela localidade, de forma semelhante à quantidade de casas, ocupando todos os espaços e avançando cada vez mais em direção à escarpa da Serra do Ororubá.

As invasões das terras indígenas

Em suas memórias, os índios Xukuru do Ororubá falaram dos plantios existentes na Serra do Ororubá destinados à indústria de doces, e ainda da época em que trabalharam nas fábricas em Pesqueira. O Pajé Xukuru falou da grande dimensão de terras ocupadas pela Família Brito, com plantios de tomate: “tinham terra que nem o diabo! Aqui logo, começa logo aqui do Papa, vai a Alagoas tudo ali em Santana, por ali a fora tudo era deles, né. Sítio do Meio, eles tinham o que. Umas quinhentas quadras. Dava uns quinhentos quadra lá em Sítio do Meio. Esse Sítio do Meio foi grilado. Foi tomado”. (“Seu” Zequinha, Bairro Portal, Pesqueira).

A conhecida família latifundiária ocupava terras em vários lugares na Serra do Ororubá e também em áreas de municípios vizinhos, “aqui eles tinha plantação pra todo canto, né! Eles tinha aqui em Lagoa do Meio. Eles tinha aqui em Capim Planta. Tinha em Batalha. Tinha em Roçadinho. Tinha em Caldeirão. Tinha em muitos cantos por aqui. Tinha aqui em, aqui num lugarzinho que tem aqui. Tem um lugarzinho que chama-se Xukurus”. (Pedro Rodrigues Bispo, “Seu” Zequinha, Bairro Portal, Pesqueira). O povoado “Xukurus” está situado na zona rural do vizinho município de Belo Jardim e consta existir no local várias famílias indígenas. O povoado ficou fora da demarcação da terra indígena Xukuru do Ororubá, homologada em 2001.

Os plantios de goiaba se espalhavam por toda a Serra, em terras ocupadas por outros fazendeiros. A colheita era grande, nas safras da fruta:

Era muita goiaba. Tinha muita goiaba. Saía dez, doze caminhões de goiabas daqui de cima dessa Serra. Da terra da gente, mas nas mãos dos fazendeiros: São José, Cana Brava ela toda, ali em Caetano, por ali afora, por essa região quase toda. Em Vila de Cimbres, também tinha muita goiaba. Quando era a goiaba, era goiaba em todo o canto. Porque tinha muita goiabeira. (“Seu” Zequinha, Bairro Portal, Pesqueira).

Era grande também a produção de tomate colhida nas margens do Rio Ipojuca e povoados adjacentes, inicialmente sem o uso de agrotóxicos, pois, só mais tarde apareceram as pragas:

Plantava aqui nessa ribeira: Pão de Açúcar e nessa região para sair para Arcoverde, Alagoinha, Papagaio, Mutuca, em todo o canto eles plantavam. Era muito tomate também! Não existia essa doença de tomate. Não existia não. Plantavam a granel. Ela dava a torto e a direito. Não usava veneno. Não sei que praga foi que deu...dava a granel. (Idem)

Morador há muitos anos na área urbana de Pesqueira, “Seu” Zé Cioba lembrou que a fábrica Peixe possuía muitos plantios de tomates em várias localidades próximas de Pesqueira e a colheita de frutas se concentrava na Serra do Ororubá, em terras invadidas pelos fazendeiros e nas pequenas glebas indígenas:

Tinha mais de 200 plantios. Daqui, Lagoa Grande, Tiogó, Pau Ferro, Lagoa do Félix, Pintada, Milho Grande, Mirassol, Cachoeira Grande. Era fora da Serra. Porque a Serra era fria, o tomate não. As frutas era da Serra. Bananas, abacate, jaca, manga, era de Trincheira, Jitó, Sítio do Meio, Santana, Cana Brava, Mascarenhas. Era terra dos fazendeiros e dos índios também. (José Gonçalves da Silva, “Zé Cioba”, Bairro Portal, Pesqueira/PE)

Em sua entrevista o Pajé “Seu Zequinha” lembrou ainda que os plantios eram realizados em terras indígenas invadidas com a omissão das autoridades: “Nesta época eles estavam bem adiantado. Os ricos compraram muitas terras de pequenos posseiros e outra eles aumentavam ainda diziam que era deles. A polícia não fazia nada”.

De agricultores a operários nas fábricas em Pesqueira: as memórias indígenas

Ao ser perguntado se tinha trabalhado nas fábricas em Pesqueira, o Pajé Xukuru respondeu: “Trabalhei na Peixe, eu era menino novo com dezessete anos. Trabalhei na Peixe. Trabalhei na Cica, na Cica Norte. A Peixe era dos Brito, a Cica Norte era daquele Severino

Paixão e a Peixinho era dos Brito, também.” O Pajé falou ainda que muitos índios trabalhavam nas fábricas: “Trabalhava, trabalhava muito”.

Durante a colheita das grandes safras, nas fábricas em Pesqueira trabalhavam muitos índios, mas sem vínculo empregatício. Trabalho duro e considerado sujo, no período noturno, para fugir à fiscalização trabalhista:

Muitos sem carteira assinada. A noite tinha uma história de uma “virada”, chamava-se “a virada”, os “porcos” porque trabalhava no leite, de noite, na tomate. Serviço sujo, aí chamavam assim. Quando a safra era grande, quando a fábrica não vencia para trabalhar só o dia. Aí tinha que trabalhar à noite porque era muita polpa. (“Seu” Zequinha, Bairro Portal, Pesqueira).

Em uma longa entrevista, “Seu Zequinha”, o Pajé Xukuru, falou do início dos plantios da fábrica Peixe: “Quando começou a fábrica Peixe começou do nada. A goiaba chegava. A tomate era quebrada toda a mão e era comprada de caixinhas. Pouca coisa, né? De cinquenta. Eles compravam dos fornecedores. Eles também plantavam”.

O futuro Pajé Xukuru, ainda um adolescente e até a idade adulta, na década de 1940, trabalhou nos plantios em várias localidades onde habitavam os Xukuru. A colheita era transportada por caminhos de longa distância até a fábrica, na cabeça ou com animais:

Eu tava em 45 com 15 anos e nessa época apanhei do mato ainda caixa. Nós trabalhava lá apanhando caixa na Ribeira, Capim de Planta, Caldeirão. Nestas localidades, nesta época de 45, traziam na cabeça ou no balaio ou burro. Com 18 anos eu carregava muita goiaba. Aqui na Peixe eu dava três viagem por dia. De la pra cá eu gastava uma hora para vim e uma hora para voltar. Vinha de Cana Brava e nesta época a estrada não era aqui.

Como trabalhador nas várias fábricas em Pesqueira, “Seu Zequinha” relatou que era maltratado quando trabalhou a noite, o horário dos “porcos” que carregavam caixas para as esteiras:

Eu trabalhei direto na Peixe, na Cica na Peixinho. Mas assim trabalhava dois meses e saia. Eu não gostava de ser massacrado. Eu não gostava de levar desaforo. Assim, hoje eu tô um homem de idade posso dar um conselho. Eu lá trabalhei em dois horários de seis as cinco. E a outro a noite, seis e saia às cinco. Eu trabalhei na hora dos porcos. Tinha esse nome porque tinha um leite o da tomate que era tomate de todo jeito. E tinha que pegar nas costas e colocar na esteira

As “viradas”, como se chamava o trabalho noturno, era um serviço pesado, sem os devidos direitos trabalhistas, como recordou outro entrevistado: “Trabalhei nas viradas. As

‘viradas’ parece que era três mil reis ou era quatro mil reis. Era de noite. A gente ia trabalhar de noite. Serviço pesado, carregar caixas nas costas, descarregar caminhão, todo molhado. Sem registro. Tempo difícil”. (Floriano Marcolino da Silva, Aldeia Cana Brava).

Grande parte dos trabalhadores da fábrica Peixe era composta de índios vindos da Serra do Ororubá. Um entrevistado lembrou o trabalho dos índios no serviço noturno de carga e descarga nos muitos caminhões com tomate, sem vínculo empregatício, alimentados apenas com café e pão:

Era muita gente que trabalhava na fábrica Peixe, mas era índio, tudo índio daqui da Serra. Era de vinte, trinta, vinte. Era de vinte, de quinze pra lá que ia. Toda viagem que ia pra fábrica Peixe toda noite. Mas eles iam fazer sabe o que? Iam trabalhar a noite. Num era trabalhador fichado não. Iam carregar coisas nas costas, tomate. Descarregar caminhão todo, que era a fábrica Peixe lutava com cento e tanto caminhão, viu! Carregando tomate. Era aquela fila de caminhão como daqui lá na Igreja. Pegava do Prado (bairro) a fábrica Peixe. Pegava lá debaixo da Igreja prá cima um pouco. Da Igreja da Catedral. Ali tudo era cheio de carro, caminhão pra descarregar. Cada um junto assim. Ia trabalhar, chegavam todo melado. Trabalhava a noite. Só que eles davam café, né, davam pão da noite. Mas toda noite que viesse, marcavam tudo nisso. (Cícero Pereira de Araújo, “Seu” Ciço Pereira, Bairro “Xucurus”).

Um ex-operário “Seu” Mané Preto, falou do trabalho noturno carregando caixas de tomates durante o período da colheita. Finda a safra, eram dispensados e procuravam trabalhar em outros lugares, no “Sul” (Zona da Mata Sul de Pernambuco). Não eram respeitados os direitos trabalhistas, eram pagos diariamente pelo serviço executado:

Eu trabalhava na Fábrica Peixe, que trabalhava à noite. Os operários trabalhavam de dia e nós trabalhava a noite! Aí nós trabalhava à noite. Quando findava eu ia embora para o Sul trabalhar. Trabalhei muito aqui. Nós botava caixa, nós colhia tomate, caixa de tomate despejando nas esteiras. Serviço pesado! Ninguém falava em registro! Todo dia eles pagavam a gente aquele pouquinho. (Manoel Balbino Silva, “Mané Preto”, Aldeia Cana Brava).

Um outro entrevistado falou do período em que trabalhou na Fábrica Peixe. As atividades exercidas por ele durante um tempo foram também noturnas. Direitos trabalhistas só para os empregados diurnos. Os índios vindos da Serra trabalhavam à noite, muitos nos serviços pesados:

Eu mesmo trabalhei na Fábrica Peixe um bocado de tempo. Eu trabalhava de fogareiro, botando fogo na caldeira, botando lenha na caldeira. Quer dizer, nós só trabalhava à noite! Porque só trabalhava à noite, porque lá já tinha os

trabalhadores de trabalhar no dia, nós só trabalhava à noite. Eles aqui chamavam até de “virada”. A gente só trabalhava à noite. Trabalhei um bocado de tempo. Depois passei uns três ou quatro meses trabalhando lá, os empregados gostavam muito de mim, e me botaram para trabalhar de dia e eu trabalhei uns quatro meses. Nesse tempo só tinha direito quem fosse fixado lá mesmo, de dia. Era muito daqui que ia. Trabalhava catando talo de tomate, botando fogo em caldeira, carregando saco, descarregando caminhão de caixas, tudo de noite! (Juvêncio Balbino da Silva, “Seu” Juvêncio, Aldeia Cana Brava).

Eram muitas as dificuldades lembradas por “Seu” Juvêncio, desde o deslocamento da Serra para a fábrica, na cidade em Pesqueira. Além do trabalho noturno, sem amparo legal, durante o dia devia cuidar da roça:

As dificuldades era muito grande! Porque nós ia de pé. Para trabalhar a noite. Nós ia de pé pra lá. Trabalhava á noite, bem cedo recebia aquele trocado, fazia de bóia para comer e vinha s’imbora. De noite ia de novo! Era toda noite. Nada de direitos. Não existia essa história de fiscalização para gente. Trabalhou, recebeu. Trabalhava de noite, bem cedo recebia, fazia a “boinha” vinha s’imbora, comia. A noite de novo! Durante o dia na roça. Muitos dormia um soninho só na hora de meio-dia, quando chegava ia para a roça. Era, chegava ia para roça, meio-dia dormia um soninho. De tarde já voltava de novo. Já para quatro para cinco horas, já voltava de novo. (“Seu” Juvêncio, Aldeia Cana Brava).

A sindicalização não era permitida pelo “Dr. Moacir”, um dos proprietários da fábrica Peixe, lembrou outro entrevistado, que expressou também as relações clientelistas existentes em benefício de alguns trabalhadores, a exemplo “Zé de Alexandre”:

Na fábrica trabalhou um bocado! Trabalho pesado. Direito nada! Porque o Dr. Moacir falou “Quem pagar Sindicato, não pode pagar INPS. E se for para aposentar eu não vou dar os direitos, eu não vou dar os direitos de se aposentar pelo Sindicato. Ou uma coisa, ou outra!”. Ele está certo! Agora eu não falo, não sabe por quê. Não posso falar deles, porque o que estava assinado em meu documento, ainda está. O meu está assinado! (Exibe os documentos de pensionista do INSS). (José Alexandre dos Santos, “Zé de Alexandre”, Bairro Serrinha/Pesqueira)

Trabalhando na “Peixe” durante 23 anos, “Seu” Zé Cioba exerceu diferentes atividades. Foi o único entrevistado que afirmou ter a carteira assinada no serviço noturno. Fazia o trabalho pesado por não ser letrado, o que prejudicou sua saúde:

Da Serra eu vim aqui para a fábrica. Trabalhei na Peixe 23 anos! Na Peixe eu trabalhei de zelador e trabalhei em serviço de armazém. Serviço pesado. Leiturinha pouca, não dava para tomar conta do escritório, peguei no pesado. Serviço de armazém. Trabalhei 23 anos! Eu trabalhava fichado. Eu trabalhei muito na parte da noite, fichado. Eu tenho minha pressão muito alta porque

eu trabalhei muito na parte da noite e não dormia de dia... Eu trabalhei 23 anos de Carteira assinada. E já de idade e eu sofri muito porque trabalhava na parte da noite e não dormia de dia. E a pressão subia. Minha pressão é muito alta. Chega a 24, 26, 19. é muito alta. Eu pegava firme. Até 120 kg eu peguei. Chamavam a gente dos cabôcos. Os cabôcos da Serra. O cabra que precisava, eu nunca tive vontade de pegar no alheio. Eu nunca peguei num palito de nada. Enfrentava, pegava 79, 80, 90, 100, 120 kg. Trabalhei direto mesmo, com fome! (José Gonçalves da Silva, “Zé Cioba”, Bairro Portal, Pesqueira/PE).

O entrevistado falou também que a “Peixe” empregava muitos índios. Seu chefe era da atual Aldeia Afetos. Os que descarregavam os caminhões eram trabalhadores clandestinos:

Trabalhava um bocado de gente daqui da Serra. Trabalhava um bocado de gente. Eram clandestinos os que descarregavam caminhões. Eles eram da Serra. Muitos da Serra. O meu chefe que era Zé Jorge, ele nasceu em Afetos. Ele era da Serra também. Mas o pai era paraibano. Ela era da Serra, ele nasceu na Serra, era meu chefe. Quando era tempo de safra, ele não deixava sobrar, porque há muito serviço, serviço de armazém. (Idem)

O trabalho era temporário. A fábrica Peixe demitia antes de completar um ano por questões dos direitos trabalhistas: “Depois que trabalhava um ano, nós saía. A derradeira vez que eu entrei, passei sete anos sem sair. Passei por lá direto. Quando for tempo vocês voltam pro trabalho”. Se fosse procurar o sindicato eram demitidos sumariamente:

Nós pagava Sindicato. O Sindicato não servia para nada. Só servia o INPS. A gente pagava o Sindicato e não valeu de nada. Quando o Sindicato ia botava nós para fora. Por isso eu acredito que não valia nada. Bateu no Sindicato, o Sindicato chegou, rua! Para mim não valeu a pena! Para mim foi perdido, nós pagava perdido. (Idem)

Morador na Aldeia Pão-de-Açúcar, “Seu” Antonio Faustino da Silva trabalhou na fábrica Peixe e relatou em detalhes a forma e as condições para ir ao trabalho:

Na época eu trabalhava na fábrica Peixe com ajudante geral. Eu trabalhava lá descarregando caminhão, carregando caixa. Eu trabalhava assim, meu horário de trabalho começava as seis da manhã e terminava as nove da noite. Era assim. E o horário do almoço começava as onze e terminava às 12 horas. Quem levava o almoço era eu. Na época eu morava aqui, mas aqui não era reconhecido como área indígena. Eu ia para fábrica todo dia. Eu saía às três da manhã e ia caminhando isso até no domingo. É que eu passava dez meses morando em Pesqueira na casa da minha família. Quando completava os dez meses a gente vinha embora e passava seis meses esperando para voltar. Ai nesses seis meses ficava plantando tomate e vendia para fábrica. Eu tinha uma espécie de contrato assim passava seis meses na roça e voltava novamente.

O entrevistado afirmou que os operários diurnos tinham a carteira assinada, enquanto que os trabalhadores nas noites eram chamados “os porcos”, por sujarem suas roupas ao carregarem às caixas de tomates e frutas destinadas a fabricação de conservas e doces. Era uma vida muito difícil:

Lá tinha também os porcos (risos). Sabe por que a gente trabalhava de seis da manhã as nove da noite, mas a fábrica virava. Aí quando a gente saía de nove horas para ir para casa começava a chegar aqueles pobres coitados para trabalhar como os porcos. A gente que trabalhava durante o dia tinha a carteira era assinada. A fábrica pagava tudo direitinho mesmo para aqueles que trabalhavam como os porcos na virada. Eles passavam a noite toda trabalhando e quando chegava de manhã recebia o dinheiro na hora, mas não era sempre o mesmo grupo. Eu trabalhei de 1954 a 1973 entrando e saindo. Ainda não tinha essa barragem ela apareceu em 1986. Era uma vida apertada. Eu saía de três horas da manhã e tinha que chegar na fábrica as seis. Eles eram chamados assim porque colocava aquelas caixas de tomates na cabeça e aquele caldo de tomate descia pelo corpo. Eles usavam uma roupa de estopa e fedia muito (risos). E se quando tocava o som da fábrica e não tivesse lá para entrar o dia você perdia, então era aquele corre-corre (risos).

O xukuru José Maria da Silva, também morador em Pão-de-Açúcar, trabalhou na fábrica Peixe durante o dia e lembrou as dificuldades quando aconteciam os acidentes de trabalho,

Eu trabalhava durante o dia na esteira. Era serviço de ajudante geral. Eu tinha carteira assinada e todos os meus direitos e quando trabalhava passando do horário recebia hora extra. No meu tempo eu pegava de 6 às 11 e tinha almoço dado por eles. E pegava de 12 as 5 da tarde se tivesse algum acidente que era difícil. Mas que nem todo mundo gostava de usar os material de segurança e se acontecia algo eles pagavam tudo.

Os entrevistados afirmaram que os plantios de goiabas se espalhavam por toda a Serra do Ororubá e adjacências, em terras indígenas ocupadas pelos fazendeiros. Era grande também a produção de tomate colhida nas margens do Rio Ipojuca e localidades próximas.

Em suas memórias os Xukuru do Ororubá relatam experiências de trânsitos, vivência em fronteiras entre a vida no campo e a moradia na cidade, de agricultores e operários nas fábricas na área urbana de Pesqueira, após as invasões de suas terras pelos plantios e fazendas de gado que forneciam a matéria-prima para as indústrias naquele município.

“Eu vou procurar minha vida em São Paulo!” O trabalho indígena no Sudeste brasileiro

Ao analisar as razões da expulsão de trabalhadores de suas regiões de origem, Paul Singer (1985) conceituou um dos fatores motivadores como “causas de estagnação”, fazendo referências, inclusive, ao que acontecia no Agreste nordestino. Para o autor, nessa categoria, as migrações geralmente ocorriam devido ao monopólio das terras exercido pelos grandes proprietários. (SINGER, 1985, p. 38). Sem dúvidas, esse foi um dos motivos enfatizados pelos Xukuru, como também devido aos efeitos das secas periódicas na região, para rumarem em direção a Grande São Paulo, em busca de melhores condições de vida. A maioria dos migrantes indígenas estava seguindo os passos de amigos e parentes que se encontravam instalados naquela metrópole. Outros, encorajados ou iludidos pelas notícias sobre as facilidades de se arrumar trabalho, arriscaram-se e foram sozinhos.

Além da questão salarial, a expectativa no cumprimento dos direitos sociais que, em tese, só foram estendidos aos trabalhadores rurais em 1963 – com a criação do Estatuto do Trabalhador Rural –, e ainda, o acesso aos serviços básicos de Saúde e Educação, eram outras vantagens ressaltadas pelos próprios migrantes em suas redes sociais. (FONTES, 2008, p. 47-48).

Os percalços enfrentados pelos Xukuru, iniciados com os momentos de despedida dos familiares e amigos na Serra do Ororubá, ganhavam novos contornos durante o longo percurso da viagem até o Sudeste. As experiências vividas pelos índios migrantes deixam latente a importância e, de alguma maneira, a leitura e interpretação trágico-cômica que os sujeitos fazem desse capítulo da própria história. “Seu” Antônio Pequeno rumou para São Paulo na década de 1950. Levando em conta sua data de nascimento e a idade que estava quando viajou, provavelmente emigrou no ano de 1952. Na época, conseguiu juntar um “trocado” trabalhando na agricultura e, com a ajuda da mãe, que se desfez de algumas cabras para complementar os custos, comprou a sua passagem:

O transporte foi ônibus de [empresa] Tapemirim. Não, de [empresa] Princesa do Agreste. Passei nove dia. Nove dia no caminho. Nove dia, foi de fome, foi de tudo! Naquele tempo num era fácil. Era sete dia, oito dia, nove dia, daqui prá São Paulo. Era só na pedra daqui prá São Paulo. Num tinha asfalto, não. Olha, a gente chegava, olhava assim e dizia: que diabo é isso? Só o barro vermelho, só o barro! Não é brincadeira daqui prá São Paulo. E a estrada não ajudava, era só pedra. Mas graças a Deus se venceu tudo. (Antônio Bezerra Vasconcelos, Aldeia Cajueiro).

Apesar da diferença no recorte temporal dos próximos relatos orais, algumas semelhanças serão facilmente observadas nessas experiências de viagem. Sebastião José da Silva, conhecido por “Bisnado”, assim como a maioria dos Xukuru, trabalhou desde cedo no

roçado junto aos pais e irmãos, “O fazendeiro arrendava a terra. Você plantava e, antes de você tirar a colheita toda direito, ele já pedia o terreno. Você tinha que entregar! Colhia o que pudesse e entregava o terreno.” Algumas vezes, para não passar fome, procuravam “uma batata no mato que se chama cará. (...) É feito um inhame, ele dá nas pedra.” Sebastião “Bisnado” detalhou que “depois de cozinhado, tinha que bater com uma madeira prá ele amolecer. Que era duro”. (Sebastião José da Silva, Aldeia Pão-de-Açúcar). Só assim podiam se alimentar.

Cansados da situação, aos 17 anos, Sebastião deixou a Serra do Ororubá com os pais e mais 9 irmãos. Era final da década de 1960. Foram de ônibus para a capital paulista:

A gente foi na João Teotônio, o nome da empresa. Meu amigo... Meu pai fez uma farofa de jabá numa lata. Numa lata! Misturou com farinha aquilo lá, que era prá num ficar ruim, né? Junto com o sal. Aí, haja água, haja beber água, né? Meu amigo, eu num tô bem lembrado... Acho que foi no estado de Minas. Foi no estado de Minas. Aí o ônibus vai e quebra. Na época não tinha socorro. Hoje, na Itapemirim, se quebrar um aqui, já tem socorro. Mas esse aí num tinha socorro! Aí fica nós, três dias na estrada. Se não me engano era 38 ou 40 passageiro que tinha. Toda a minha família ía no ônibus. Seis homens, quatro mulher, meu pai e minha mãe. Doze pessoas. Prá amenizar a história meu amigo, tinha gente que não tinha aquela farofa... Eu sei foi que aquela farofa deu prá todo mundo! Meu pai dividiu prá cada, um pouquinho. Porque não tinha outra coisa. E o ônibus quebrado lá prá consertar. Foi dois ou três dias na estrada. (Idem).

Mesmo com as dificuldades enfrentadas à época, nosso entrevistado relatou de maneira bem humorada a aventura pela qual passou juntos aos familiares. Notadamente que, hoje, sua condição de vida lhe permite compartilhar essas vivências e experiências sem maiores traumas ou constrangimentos.

Outro migrante, Gerson Leite, chegou em São Paulo “(...) no tempo de Getúlio Vargas. Na época de 500 réis.” Foi sozinho, porque os conhecidos diziam que era bom de se ganhar dinheiro: “Eu fui na ilusão!” (Gerson Ferreira Leite, Aldeia Lagoa). Assim como Sebastião “Bisnado”, Gerson também teve problemas com o transporte durante o trajeto. Sua narrativa demonstra ainda as lembranças que possui sobre as características e os perigos da estrada:

Eu fui num ônibus véi. Rapaz, passamo quase um mês prá chegar lá. O ônibus quebrando... As estrada era de barro, sabe? Num tinha asfalto, num tinha nada. Era barro mesmo, que nem essa rua aqui da frente. Até Minas. Não, até Bahia, né? Depois, de Minas prá lá, já tinha umas estradinha mais ajeitadinha já. Lembro que o ônibus quebrou a direção e quase que nós se acaba. Aí, nos pegamo um pedaço de madeira do mato, amarramo com uma

corda véia na volante e o motorista foi levando prá poder a gente chegar na cidade. Depois, passamo mais oito dias numa cidade prá arrumar o ônibus véi. (Idem).

De acordo com as memórias dos Xukuru, percebemos que o tempo médio percorrido por via terrestre entre as cidades de Pesqueira e São Paulo, durante as décadas de 1950-1960, variava de nove a trinta dias. “Seu” Antônio Pequeno, que viajou no início da década de 1950 e não relatou qualquer problema no seu ônibus durante o trajeto, passou nove dias na estrada. As narrativas acerca das condições, perigos e demais situações das viagens, corroboram as ideias de que os desafios encarados pelas pessoas ou grupos que emigram, começam antes mesmo da chegada ao lugar de destino.

Analisando um estudo cujo foco foi sobre a migração de trabalhadores oriundos do interior da Bahia para a cidade de São Paulo, observamos como os trajetos que separam as cidades de origem e de destino eram realizados entre os anos de 1947-1948. Moradores da cidade baiana de Jacobina, primeiro deslocavam-se de trem até Juazeiro, atravessavam o rio São Francisco e na cidade vizinha, Petrolina/PE, embarcavam na segunda classe do vapor até chegar à Pirapora/MG. Em média, eram 15 dias de viagem. Da cidade mineira até São Paulo, mais três dias de trem, até chegarem estafados à estação do Norte, no Bairro do Brás. (FONTES, 2008, p. 41-42).

Os laços sociais e de parentesco foram fundamentais para os Xukuru conseguirem trabalhar ao chegar em São Paulo. Afinal, a migração, de alguma forma, simbolizava a esperança de viver dignamente. Nesse sentido, a saudade da família e das expressões socioculturais presentes no local de origem, deveria ser remediada pela nova condição de vida na grande metrópole. Perguntado se tinha passado necessidades quando chegou a São Paulo, em 1952, “Seu” Antônio Pequeno respondeu:

Não! Cheguei lá, num passei não. Já tinha meus irmão tudo lá, né? Nesse tempo lá era um tempo tão bom que fazia gosto. Ninguém via falar em bandido, ninguém via falar em nada. Sem trabalho? Não, era todo mundo trabalhando. E fui começando a vida. Pinheiros, Taboão da Serra, só era criador de gado. Num tinha cidade, num tinha nada, nada. Só gado, gado, gado. (...) Quem trabalhou em São Paulo sabe o que é São Paulo! (Antônio Bezerra Vasconcelos, Aldeia Cajueiro).

Outro índio também destacou a presença de parentes na cidade: “Fui solteiro, sozinho. Mas tinha tio, tinha primo lá. Gente que saiu daqui de Caípe. Eu tinha na época: tio Odávio, Zezinho, João, Miúdo. Tinha quatro tios meus em São Paulo.” (José Barbosa dos Santos, “Zé de Santa”, Aldeia Caípe).

Após os cansativos e perigosos trajetos entre o Nordeste e o Sudeste, o reencontro com familiares e as ofertas de emprego amenizavam o desconforto e a ansiedade vivida pelos indígenas migrantes. Sebastião “Bisnado” lembrou o momento em que chegou com seus pais e nove irmãos:

A chegada não foi tão ruim porque meu tio já estava esperando nós lá. (...) Meu tio morava lá em São Paulo já há muitos anos. Aí mandou buscar meu pai. Aí ele levou tudinho! (...) Fomos prá casa do meu tio. Naquela época tudo era fácil, não precisava de estudo igual a hoje. (Sebastião José da Silva, Aldeia Pão-de-Açúcar).

Ele destacou a facilidade de se conseguir emprego em São Paulo, mesmo para as pessoas que careciam de uma formação escolar ou técnica. Isso é justificado uma vez que grande parte dos migrantes nordestinos na cidade era proveniente de áreas rurais. Sendo assim, as experiências de trabalho dessas pessoas estavam ligadas às atividades desse meio. Salvo as exceções, a maior parte dos postos de trabalho oferecidos estava nas indústrias e no ramo da construção civil. As pessoas aprendiam o serviço na prática. (CEM, 1986, p. 59; FONTES, 2008, p.109-110).

As narrativas indígenas enfatizam a praticidade em se arrumar trabalho naquela cidade, no decorrer das décadas de 1950-1970. Contudo, devemos salientar que, assim como ainda ocorre em algumas regiões no tempo presente – evidentemente que hoje é imprescindível uma formação profissional específica –, o apoio e/ou indicação de alguém, geralmente um parente residente no lugar de destino, tinha relevância nesse processo. Inclusive, dependendo da confiança e das relações sociais entre os familiares dos migrantes e seus patrões, aumentavam as chances dos novos moradores conseguirem melhores postos no mercado de trabalho. De acordo com Marilda Aparecida de Menezes (2009),

As redes sociais organizam o processo migratório em todas as etapas – antes, durante e na chegada a São Paulo –, demonstrando a importância das relações de reciprocidade nos diversos espaços e tempos que marcam a(s) trajetória(s) migratória(s) dos indivíduos ou famílias. (MENEZES, 2009, p. 277).

Apesar da maioria dos migrantes constituírem indivíduos do gênero masculino, algumas jovens mulheres Xukuru também exerceram atividades remuneradas na maior cidade do país. As que trabalhavam como domésticas em casas de famílias paulistanas, às vezes tinham a chance de morar junto aos patrões.

Mas a escolha por essa opção estava geralmente condicionada à relação existente entre patrão e empregado. “Dona Socorro” foi para São Paulo em 1976. Uma tia sua que

havia morado no Paraná e vivia no Sudeste, foi visitar os familiares na Serra do Ororubá. Ao retornar para a capital paulista, levou-a junto. Durante um ano, a índia viveu na casa da tia e demorou a se adaptar à nova cidade: “Lá foi difícil. Porque a gente morar aqui nesse mundo que a gente vive, e depois ir prá um lugar igual a São Paulo... Meu Deus! Muito difícil.” Ela arrumou o primeiro emprego na condição de doméstica, mas as diferenças socioculturais com a patroa não permitiu que ficasse muito tempo na atividade:

Trabalhei três meses em casa de família. Na casa de uma Judia. Foi muito difícil porque eu não entendia, não sabia nem o que ela falava. E ela falava muito enrolado. Eu sofri muito nesses três meses. As comidas também não me agradou. Muita salada de repolho com mel. Não me acostumei, fiquei só três meses. Até que ela me prometeu [que] se eu ficava com ela, nas férias, ela me levava lá na Judia, no lugar. E eu tinha vontade de conhecer esses mundo prá lá. Mas não deu certo, não. Só trabalhei lá três meses mesmo. (Maria de Fátima Timóteo Sobrinho, “Dona Socorro”, Aldeia Lagoa).

De fato, a estratégia usada por sua antiga patroa foi tentadora: conhecer outro país. Mas não foi o suficiente. Acostumada a levar uma vida simples junto aos seus familiares na Serra do Ororubá, onde parte da dieta alimentar se constituía em produtos cultivados como milho, fava e mandioca, imaginamos que o choque causado pelas comidas diferentes, a exemplo da “salada de repolho com mel”, influenciaram, dentre outros fatores, na decisão pela desistência do emprego.

Sua escolha parece ter sido a mais acertada naquele momento, pois pouco tempo depois, conseguiu um novo trabalho, dessa vez com carteira assinada.

Depois [que] saí, fui trabalhar numa firma de fotolito. Nessa firma de fotolito eu fiquei seis anos. Me dei bem, fiz umas boa amizade lá dentro. Comecei trabalhando de auxiliar na cozinha. Fiquei um ano. Depois eu falei com os dono da firma, que era três irmãos, (...) e ele me autorizou de eu estagiar. [Era] o que eu queria fazer na firma, ainda mesmo trabalhando na cozinha, e foi muito bom prá mim. (Idem.)

Apesar das particularidades burocráticas diferindo os seus patrões, atentamos para o fato de que nos dois primeiros empregos, “Dona Socorro” exerceu atividades parecidas. Foi doméstica no primeiro, e começou atuando na condição de auxiliar de cozinha no segundo. Num estudo sobre migrações de índios Pankararé (Nova Glória/BA) para a cidade de São Paulo, Lídia Izabel da Luz observou que as mulheres solteiras dessa etnia se ocupavam de cargos domésticos na cidade. Trabalhavam ainda como costureiras e “faxineiras em lojas e em fábricas”. Muitas vezes, como forma de complementar o orçamento, lavavam roupas para terceiros. Segundo a autora, as mulheres casadas que não tinham emprego na cidade e se

dedicavam aos afazeres domésticos e ao cuidado dos filhos, também “lavavam pra fora”. (LUZ, 1988, p. 31).

A índia Xukuru, cujo trabalho era servir refeições para os cerca de 500 funcionários da empresa gráfica, nos contou que apesar da prazerosa experiência quando exerceu a função de “professora” do Mobral na Serra do Ororubá, passou por situações inusitadas na firma paulistana:

Eu [...] não sabia ler o suficiente. Não cheguei lá dizendo que aqui eu trabalhei como professora. Ai, minha encarregada pediu prá eu anotar o nome das pessoas que tinham almoçado e eu escrevia com as minhas letras. Às vezes ela não entendia o que estava escrito e eu dizia: deixa ele chegar aqui que eu conheço! Foi muito divertido meu começo nessa firma. (Idem).

Ao que nos parece, quando omitiu sua experiência docente, a entrevistada esquivou-se de possíveis comentários maldosos ou interpretações equivocadas sobre as deficiências da sua formação escolar, incluindo o nível de formação dos professores na sua região de origem. Nesse sentido, a presença dela na empresa aguçava a curiosidade dos demais funcionários:

Foi difícil na firma, tiravam muita onda. Porque eu cheguei lá falando muito matuta: ‘oxente’, ‘vixi’. Então isso gerou muita conversa. Um falava pro outro e aí o povo vinha me conhecer. Mas foi muito engraçado e depois eu fiz uma amizade muito bonita. Como eu fiquei trabalhando na cozinha, onde servia refeição prá eles lá dentro, [...] eles pediam prá mim falar igual lá no Nordeste. E eles adoravam escutar o sotaque. (Idem).

De acordo com Francisco Weffort, o migrante questiona e problematiza a cidade, ao invés de integrar-se a ela em sua forma natural. Ao refugiar-se em sua própria cultura, ele acaba contribuindo para uma nova cultura popular na cidade. (WEFFORT, 1988, p. 22). Se num primeiro momento, a maneira com a qual nossa entrevistada falava e se expressava causava burburinho entre os funcionários da empresa, ao ponto de muitos quererem conhecê-la, essa característica referencial tornou-se o elo entre ela e os outros atores sociais. As amizades conquistadas, direta ou indiretamente, foram fundamentais para que a “Dona Socorro” conseguisse o aval de seus patrões e mudasse de função na empresa. Durante os anos seguintes, passou a trabalhar no setor de montagens:

Eu fiquei um ano na cozinha e depois eu fiquei cinco anos trabalhando lá na montagem. Eu gostava, admirava muito o trabalho lá na montagem. Porque era um trabalho sentada, bem tranquilo. [A gente] fazia esses cartazes de BR, que tem quando chega próximo de uma cidade. Trabalhava fazendo capa de discos, essas coisas assim. O nome da firma era Estúdio Cinco. (Idem).

Através dos relatos orais, percebemos não apenas a satisfação da entrevistada ao se referir às novas amizades seladas, como também seu contentamento por ter trabalhado seis anos numa grande empresa. Isso nos faz refletir sobre o fato da nossa memória ser seletiva, onde nem tudo fica gravado ou registrado. “Dona Socorro” rememorou momentos que considerou marcantes e importantes na sua trajetória de vida. (POLLAK, 1992). Não são apenas os anos trabalhados nessa empresa que foram exaltados, mas a maneira como tudo aconteceu. Foi uma conquista pessoal de uma índia migrante que, após um ano trabalhando como auxiliar de cozinha conseguiu, à sua maneira, estagiar e mudar de função dentro da empresa.

Os relatos Xukuru do Ororubá sejam enquanto operários nas indústrias em Pesqueira, seja o ocorrido na época das migrações em São Paulo, indicam que além de vivências nas fronteiras de experiências entre o campo, a vida de agricultores, e o trabalho nas cidades como estratégias de sobrevivências, foram posteriormente fundamentais para a afirmação das identidades étnicas e mobilizações sociopolíticas indígenas nas reivindicações de seus territórios secularmente invadidos por terceiros. Afinal, são bastante conhecidas as influências das migrações para formação, a exemplo de países colonizados, de lideranças.

E no Nordeste afora os Xukuru do Ororubá e os Pankararu em Pernambuco, os Xukuru-Kariri e os Karapotó em Alagoas, para citar alguns povos indígenas, com indivíduos que ao retornarem da migração e desmistificando as ideias de vitimização se tornaram expressivos líderes e assumiram importantes papéis políticos. Como aconteceu com o Cacique “Xicão” Xukuru que após seu retorno de São Paulo além de ter sido escolhido Cacique, liderou as mobilizações pelas retomadas das terras reivindicadas pelo seu povo o que provocou a ira dos fazendeiros invasores que tramaram o assassinato de “Xicão” em 1998, o que todavia não impediu o reconhecimento e a demarcação oficial do território Xukuru do Ororubá em 2001.

Bibliografia

- ALBERTI, Verena. *Ouvir contar: textos em História Oral*. Rio de Janeiro, FGV, 2004.
- CAVALCANTI, Célia Maria de Lira. *Acumulação de capital e a industrialização em Pesqueira (Pernambuco)*. 1979. Recife, UFPE, 1979. (Dissertação Mestrado em Economia – PIMES),
- CEM. *Migrações no Brasil: o peregrinar de um povo sem terra*. São Paulo: Paulinas, 1986.

FIAM/CEHM. *Livro da Criação da Vila de Cimbres: 1762-1867*. Recife, FIAM/CEHM, Prefeitura Municipal de Pesqueira, 1985.

FONTES, Paulo. *Um Nordeste em São Paulo: trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista (1945-1966)*. Rio de Janeiro: FGV, 2008.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo, Centauro, 2004.

LUZ, L. I. da. Os Pankararé de Brejo do Burgo na cidade de São Paulo. In: *Travessia: Revista do Migrante*, São Paulo, CEM, n. 01, 1988, p. 27-32.

MEDEIROS, M. do C. *Igreja e dominação no Brasil escravista: o caso dos Oratorianos de Pernambuco – 1659-1830*. João Pessoa, Ideia, 1993.

MENEZES, Marilda Aparecida de. Migrações: uma experiência histórica do campesinato do Nordeste. In: GODOI, E. P.; MENEZES, M. A. de; MARIN, R. A (Orgs.). *Diversidade do campesinato: expressões e categorias. Estratégias de reprodução Social*. São Paulo: Unesp, 2009. (Volume 2).

MONTE, Edmundo. *Migrações Xukuru do Ororubá: memórias e História (1950-1990)*. Recife, UFPE, 2012. (Dissertação Mestrado em História).

POLLAK, M. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, FGV, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

SETTE, Hilton. *Pesqueira: aspectos de sua Geografia Urbana e de suas interrelações regionais*. Tese de concurso para provimento efetivo da cadeira de Geografia do Brasil do Colégio Estadual de Pernambuco. Recife, 1956.

SILVA, Edson. Xukuru: História e memórias dos "caboclos" da Serra do Ororubá (Pesqueira, PE). In: OLIVEIRA, João Pacheco de. (Org.). *A presença indígena no Nordeste: processos de territorialização, modos de reconhecimento e regimes de memória*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2011, p. 483-510.

_____. *Xukuru: memórias e História dos índios da Serra do Ororubá (Pesqueira/PE), 1959-1988*. Campinas, UNICAMP, 2008. (Tese de Doutorado em História Social).

SINGER, Paul. *Economia Política da urbanização*. 10ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

WEFFORT, F. Nordestinos em São Paulo: notas para um estudo sobre cultura nacional e cultura popular. In: VALLE, E; QUEIRÓZ, J. J. (Orgs.). *A cultura do povo*. São Paulo: Cortez e Instituto de Estudos Especiais, 1988, p. 13-23.

Entrevistas

Antônio Bezerra Vasconcelos, “Antônio Pequeno”, 75 anos (falecido). Aldeia Cajueiro, Serra do Ororubá, Pesqueira/PE, em 30/07/2009.

Antonio Faustino da Silva, 73 anos. Aldeia Pão-de-Açúcar, Poção/PE, em 26/05/2012.

Cícero Pereira de Araújo, “Seu Ciço Pereira”, 81 anos (falecido). Bairro Xucurus, Pesqueira/PE, em 05/01/2002.

Floriano Marcolino da Silva, 90 anos. Aldeia Cana Brava, Serra do Ororubá, Pesqueira/PE, em 17/12/2005.

Gerson Ferreira Leite, “Gersão”, 71 anos. Aldeia Lagoa, Serra do Ororubá, Pesqueira/PE, em 24/10/2010.

José Alexandre dos Santos, “Zé de Alexandre”, 76 anos. Bairro Serrinha, Pesqueira/PE, em 14/12/05.

José Barbosa dos Santos, “Zé de Santa”, 65 anos. Aldeia Caípe, Serra do Ororubá, Pesqueira/PE, em 20/10/2011.

José Gonçalves da Silva, “Zé Cioba”, 82 anos (falecido). Bairro Portal, Pesqueira/PE, em 18/12/2005.

José Maria da Silva, 52 anos, conhecido por “Zé Maria”, Aldeia Pão-de-Açúcar, Poção/PE, em 19/05/2012.

Juvêncio Balbino da Silva, 76 anos. Cana Brava, Serra do Ororubá, Pesqueira/PE, em 15/12/2005.

Manoel Balbino Silva, “Mané Preto”, 73 anos. Aldeia Cana Brava, Serra do Ororubá, Pesqueira/PE, em 17/11/2005.

Maria de Fátima Timóteo Sobrinho, “Dona Socorro”, 60 anos. Aldeia Lagoa, Serra do Ororubá, Pesqueira/PE, em 31/07/2009.

Pedro Rodrigues Bispo, “Seu Zequinha”, Pajé Xukuru, 82 anos. Bairro Portal, Pesqueira/PE, em 19/05/2012.

Sebastião José da Silva, “Bisnado”, 59 anos. Aldeia Pão-de-Açúcar, Poção/PE, em 23/10/2010.

·Doutor em História Social (UNICAMP). Professor no PPGH/UFCG (Campina Grande/PB) e colaborador no Programa de Pós-Graduação em História/UFPE. Leciona no Centro de Educação/Col. de Aplicação-UFPE/Campus Recife e no Curso de Licenciatura Intercultural Indígena na UFPE/Campus Caruaru, destinado à formação de professores/as indígenas em Pernambuco. E-mail: edson.edsilva@gmail.com

·Mestre em História (UFPE) e Especialista em Ensino de História (UFRPE). Realiza pesquisas sobre História sociodemográfica dos povos indígenas. Iniciando estudos sobre índios habitantes nos núcleos urbanos do Estado do Acre. E-mail: edmundomonte@hotmail.com